

Anna McPartlin

NINGUÉM ME CONHECE
COMO TU

Tradução
Dina Antunes

*Quinta Essência**

1

A Única e Incomparável Eve Hayes

Domingo, 1 de julho de 1990

Querida Lily

Partiste há uma semana e parece que foi há um ano! O que tem acontecido por aqui? Bem, nada de especial. Sabes aquele tipo esquisito que trabalha no salão de bólingue? (Aquele que parece o Glen Medeiros¹, não o que tira macacos do nariz para depois os comer.) Bem, ele seguiu-me do *pub* até ao porto de abrigo e eu sentia-o mesmo atrás de mim, mas não disse nada até perceber que estava a escurecer e não havia mais ninguém por perto. Foi nessa altura que me virei para trás e lhe perguntei: «O que queres?» Ele apontou para a bicicleta que estava acorrentada um pouco mais à frente e disse: «Quero a minha bicicleta.» Fiquei ENVERGONHADA. Acabámos a falar sobre música. É fã dos REM (bocejo, mas não somos todos?) e, do nada, confessa que gosta de mim! Assim sem mais nem menos. Disse-lhe que era demasiado baixo para mim. Fui muito má? És o meu filtro no que diz respeito ao contacto social com a plebe. Ele pareceu ofendido, mas, pelo amor de Deus, tenho um metro e oitenta. Ele tem o quê? Um

¹ Cantor e compositor havaiano, de origem portuguesa. Ficou célebre com a balada «Nothing's Gonna Change My Love For You». (*N. da T.*)

metro e sessenta e sete? Íamos parecer estúpidos ao lado um do outro, para além de que há ainda aquela questão de ele ser um bocado esquisito. Ele declarou, e não estou a brincar, que teríamos a mesma altura quando estivéssemos deitados!!! Imagina só, Lily... estava a falar de sexo! O atrevimento do tipo! Por isso, aproveitei para salientar a sua esquisitice e ele negou ser esquisito. Argumentou que era diferente e que ser diferente era *sexy*. Dá para acreditar? Respondi que estava bem, desde que isso significasse ser extraordinariamente bom em qualquer coisa ou completamente original e ter uma espécie de visão em vez de fazer uma permanente, usar as blusas da irmã e ficar nas esquinas a declamar poemas de má qualidade. Isso pareceu deixá-lo de rastos. Não se deixou afetar pelos comentários sobre a permanente e a blusa, mas o da poesia bateu-lhe com força. Senti-me mal porque o tipo ficou com cara de quem tinha levado uma alfinetada. Pedi desculpa, mas ele parecia à beira das lágrimas e depois chamou-me loira estúpida e convencida e virou costas. Sentei-me no muro e tentei comer as batatas fritas que já estavam frias e acabei por dá-las a um cão que andava a lambar a porcaria de outro cão na praia. O Gar, o Declan e o Paul não tardaram a chegar. O Declan parece perdido sem ti. Perguntou-me se tinha falado contigo. Respondi que tinhas telefonado de uma cabina na quarta à noite e garanti-lhe que também não tardarias a ligar-lhe.

Como está tudo em Dingle? Servir às mesas está a melhorar? O dinheiro é suficiente para ficares? Sinto tanto a tua falta. Isto é tão solitário sem ti. O Gar não para de tentar reatar o nosso namoro e não tenho a menor intenção de o fazer, mas, e por favor não me mates, a verdade é que o beijei ontem à noite. Fui parva. Estava um bocadinho tocada e ele foi simpático dizendo que os meus olhos eram tão verdes que pareciam esmeraldas. Eu sei – que vômito –, mas, quando estamos bêbadas, esse tipo de elogios faz-nos sentir fantásticas. Bem, pelo menos fez-me sentir fenomenal até nos termos beijado e eu ter percebido que não quero voltar a esses tempos. Gosto do Gar como amigo e nada mais. Invenstei uma desculpa estúpida para me ir embora e agora vou ter de o enfrentar sóbria!

Achas que se as gorjetas forem boas e trabalhares bem poderás vir a casa em agosto? Nem acredito que este pode ser o nosso último verão juntas e tu estás aí e eu aqui e é tudo tão aborrecido sem ti. Bem sei que a tua mãe não tem dinheiro, mas não podia pedir algum emprestado ao teu pai? Quanto custa telefonar para a Grécia para o lembrar que tem uma filha na Irlanda que gostava de ir para a universidade e precisa de ajuda para pagar as propinas? Não que ele alguma vez tenha feito o que quer que fosse por ti! Sei que magoa, mas tem de ser dito. Ele está em dívida para contigo.

Tenho aproveitado o tempo para fazer pesquisa. Passo grande parte dos dias na biblioteca. Os rapazes acham que me passei da cabeça, mas adoro a biblioteca. Ando a ler sobre a evolução da moda ao longo dos tempos, e é muito interessante. O meu pai comprou-me uma máquina de costura nova e melhor, para me compensar pela tua partida, e na quinta-feira comprei um monte de roupas demasiado grandes na loja social para as poder desmanchar e começar de novo. Nem morta vestiria as coisas que fiz até agora – os tecidos são demasiado foleiros, mas sempre estou ocupada.

O Clooney quase nunca para em casa e quando o vejo tem sempre uma namorada diferente. Isso parece divertir o meu pai, mas a mim não. Ele está a mudar e desde que começou a trabalhar naquela estúpida rádio da universidade comporta-se como se fosse o Bono ou algo semelhante. É patético. A rapariga que trazia ontem era um susto. Tinha o cabelo preto todo desgrehado numa imitação rasca da Kate Bush, usava um milhão de pulseiras e a *T-shirt* parecia não ser lavada há um ano. Dormiram no quarto dele porque o meu pai não estava. Pergunto-me se o Danny iria achar isso divertido. Isto vai sair caro ao meu irmão! Da próxima vez que me irritar, cobro-lhe vinte libras pelo meu silêncio. Ela chama-lhe fofinho!!! Acreditas? É de vómitos. Ontem à noite voltei a ver o *Cavalgada para a Morte*² (com o som do televisor em altos berros). *Okay*, enumera por ordem de preferência com quem

² *Western* americano de 1990 que é uma sequência do filme *Jovens Pistoleiros*. (N. da T.)

sairias: Emilio Estevez, Kiefer Sutherland, Lou Diamond Phillips, Christian Slater.

Eu escolheria:

1. Emilio Estevez (Extremamente giro)
2. Lou Diamond Phillips (Exótico)
3. Kiefer Sutherland. (Gostei dele no filme *Os Rapazes da Noite*, mas neste parece apenas marcar presença)
4. Christian Slater. (Ele fala mesmo assim?)

Bem, tenho de ir. Estou a desmanchar umas jardineiras tamanho 44. Ainda não sei o que vou fazer, mas espero conseguir talhar pelo menos três peças.

SINTO A TUA FALTA, SINTO A TUA FALTA, GOSTO MUITO DE TI.

A tua melhor amiga,

Eve

P.S. – O Paul contou-me que o Glen Medeiros do salão de bólingue (o seu nome verdadeiro é Ben Logan) escreve aqueles poemas sobre a irmã que morreu. Agora é que me sinto mesmo mal. A menina faleceu quando tinha 10 anos. É sobre isso que fala o poema (aquele que ele não para de repetir numa voz estranha) – «10, 10, nunca mais». Continuo a achar que é esquisito. Também sinto falta da minha mãe, mas não me ponho a escrever poemas sobre a morte dela.

P.P.S. – Como está o tempo aí? Aqui há três dias que chove sem parar. Estou farta do cabelo húmido. Estou a pensar fazer um corte à Sinéad O'Connor. Que grande verão.

No primeiro dia de julho de 2010, numa tarde de domingo chuvosa, e vinte anos depois de ter feito dezoito anos, Eve Hayes sentou-se à secretária do quarto para escrever uma carta à melhor amiga Lily. Era uma Eve mais velha e mais sábia a que se sentava a essa velha secretária. Chovia, à semelhança do que acontecera tantos

anos antes. A mente de Eve vagueou até esse dia como frequentemente acontecia quando se sentia triste ou só. Naquele tempo, uma semana parecia ter a duração de um ano. Sorriu ao recordar aquele desespero insensato. Sentia tanto a falta da amiga que a cabeça lhe doía e passava os dias como uma morta-viva porque não dormia o suficiente, ocupada que estava em fictícias conversas noturnas com Lily. Eve diria qualquer coisa como *Ei, Lil, por esta altura no próximo ano...* e a Lily Imaginária terminaria a frase da amiga... *seremos milionárias*. Eram ambas grandes fãs da série humorística *Only Fools & Horses* e sabiam os diálogos de cor. Eve chamaria *taralhouca* à Lily. A Lily Imaginária apelidaria Eve de *velha jarreta atrevida*. Quando Eve se cansava de chamar nomes a si própria, contava à Lily Imaginária os acontecimentos do seu dia a dia e os seus aborrecimentos, como a manhã em que acreditara que o irmão Clooney tinha morrido na casa de banho, uma vez que não respondia enquanto ela batia à porta e o insultava torcendo as pernas e questionando-se onde seria melhor fazer chichi, se no lava-loiça da cozinha ou junto à árvore do quintal das traseiras. O lava-loiça ganhou. *Acreditas, Lily? Fiz chichi no lava-loiça da minha própria cozinha. Não podia fazer no jardim porque se vê da casa dos Noonans, e todos sabemos que o Terry, o Turista, Noonan é um depravado com um par de binóculos e uma câmara Polaroid em segunda mão que leva para todo o lado. Por isso não ia arriscar mostrar o traseiro!* Eve recordou que Clooney saíra da casa de banho dez minutos depois de ela ter feito chichi no lava-loiça com uma rapariga pelo braço e um sorriso presunçoso no rosto, enquanto ela estava mergulhada em lixívia e detergente até aos cotovelos. A sua vontade era esmurrá-lo, contudo, era frequente Eve, então com dezoito anos, desejar esmurrar o irmão, dois anos mais velho. Limitou-se a gritar que contaria tudo ao pai quando este chegasse a casa. Ele rira-se na cara dela e, na sua cabeça, ao relatar o incidente à Lily Imaginária, também esta rira na sua cara. Lily e Clooney eram amigos inseparáveis.

Nessa altura, e seguindo o conselho da orientadora vocacional, a Mrs. Moriarty, Lily decidira frequentar a escola de medicina e seguir medicina geral e familiar. Agradava-lhe a ideia de ser

médica, mas não a de cortar pessoas e muito menos a de ser ginecologista, pois ela e Eve haviam ambas concordado que as passarinhas eram repugnantes. Para além disso, a medicina geral e familiar permitia o contacto com crianças e, desde que Eve se recordava, Lily sempre desejara ser mãe, e elas eram amigas quase desde bebés. Lily carregara uma boneca até aos dez anos. Batizara-a de Layla e tratava-a como se fosse uma pessoa. Quando a professora de Lily, Mrs. Marsh, começou a recear que Layla fosse uma espécie de muleta psicológica para Lily, a mãe resolveu pôr um ponto final naquele assunto dando a boneca para a caridade. Lily chorou ininterruptamente durante uma semana e Eve tentou consolá-la oferecendo-lhe o seu estimado macaco. Contudo, sabia que Layla era insubstituível para Lily e, depois de constatar que não estava enganada, levou o macaco de volta para casa, mimou-o durante toda a noite e prometeu que nunca mais se voltariam a separar.

Eve sempre desejara ser *designer*. Aprendera a costurar aos doze anos e adorava escolher os materiais, desenhar e fazer as roupas. Para além disso, tinha em Lily a melhor das modelos, pois era tão pequena e magrinha que parecia a boneca perfeita e, por mais defeituosas ou feias que fossem as peças, ela usava sempre as criações da amiga. Com o passar do tempo, o trabalho de Eve foi-se aperfeiçoando. No quinto ano ganhou um prémio de *design* e logo em seguida recebeu uma encomenda de quatro vestidos de baile e um de comunhão para uma prima em segundo grau do pai. Ainda antes de saber os resultados do exame de conclusão do secundário, e com base apenas no seu portefólio, já conseguira um lugar no St. Martin's College of Design em Londres. Lily era a rapariga mais inteligente da turma. Passava sempre de ano com facilidade e nunca tinha de se esforçar muito, o que significava que podia frequentar aulas de fotografia, arte e piano. Era boa em tudo, até na costura para grande descontentamento de Eve. Apesar disso, não tinha o talento natural da amiga, por isso não era dramático.

«Vais conseguir», diria Lily para Eve.

«Sim», concordaria Eve, «A Coco Channel deve estar algures a tremer de medo.»

A menos que Lily sofresse uma lesão cerebral, ambas sabiam que esta entraria em medicina na universidade da sua preferência. Lily baseou a sua primeira escolha na do namorado, Declan, e isso irritou Eve, pois Lily nunca falara em deixar Dublin para ir estudar, mas Declan preferia a University College Cork. Eve acreditava que isso era uma desculpa. Toda a gente sabia que era mais fácil entrar na UCC do que na UCD. Lily teria sido facilmente admitida na UCD, no Trinity College ou até no College of Surgeons, porém, Declan iria ter de se esforçar muito para entrar em Cork. As amigas haviam discutido sobre esse assunto ao preencherem os formulários de inscrição, mas Lily insistira em frequentar a mesma universidade que Declan. De qualquer maneira, Eve tinha decidido ir para Londres e não era assunto dela, por isso desistiu. *Mas ainda assim...*

Havia sido uma época empolgante, repleta de promessas. A única diferença palpável entre as raparigas era o facto de Lily estar desejosa de crescer ao passo que Eve parecia mais resistente à mudança. Vinte anos antes, aquele verão seria o último que as raparigas passariam juntas, mas os acontecimentos haveriam de ditar que Lily iria precisar de dinheiro para a universidade e a única maneira de o obter seria trabalhar para o tio num restaurante a trezentos e sessenta quilómetros e um mundo de distância. Nos anos que se seguiram, Eve perguntou-se com frequência o que teria sucedido caso tivesse seguido Lily. *Ainda seríamos amigas?* Sorriu ao recordar o pequeno mantra que repetia todas as noites antes de adormecer. *Boa noite, Lily, sinto a tua falta, sinto a tua falta, gosto muito de ti.* E admitiu para si própria que os adolescentes eram loucos.

Da sua velha secretária avistava o jardim das traseiras e, mais à frente, as enormes árvores, os baloiços e a janela do quarto vazio de Terry, o *Turista*. Há anos que não o via. A família mudara-se logo após os exames finais do secundário, mas o amigo de Eve, Gar, ouvira dizer que ele se tornara fotógrafo de imprensa no Reino Unido, o que até fazia sentido. Para quê ir fotografar a morte numa zona de guerra quando se pode espreitar por baixo do vestido de uma celebridade na rua? Distraidamente, Eve passou o dedo pelas letras BGML já esbatidas que passara umas boas duas

horas a gravar na secretária. Ben «Glen Medeiros» Logan entrara na vida de Eve quando Lily saía. Nesse verão, vinte anos antes, Eve apaixonou-se, cometeu um enorme erro, disse a verdade, perdeu a melhor amiga e cresceu.

A casa estava vazia e a antiga secretária seria a última peça de mobiliário que os transportadores levariam. Estes encontravam-se numa pequena pausa, sentados na traseira da carrinha de mudanças a comer sanduíches de salsicha, e Eve ficara a deambular uma última vez pela casa onde crescera. Saiu do quarto e desceu as escadas. A tinta vermelha estava desbotada, deixando ver quadradinhos intermitentes de um vermelho vibrante nas zonas da parede anteriormente cobertas e protegidas por fotografias de família. Já não restava nenhuma, mas Eve conseguia ainda vê-las como se estivessem todas ali. Havia uma da mãe, do pai, de Clooney, de Eve e de Lily. Tinha dois anos na altura em que fora tirada e estava sentada aos ombros do pai. A mãe de Eve tinha os braços em redor de Clooney, então com quatro anos, e Lily segurava a mão de Clooney. Era verão, decorriam os anos 70, e encontravam-se todos sob um extraordinário céu azul, sardas nos rostos, e, excluindo Eve, sorriam como o Gato de Cheshire. A forma oval estivera em tempos tapada por uma fotografia de Clooney e Eve abraçados nos seus uniformes da escola e fora tirada no primeiro dia de aulas quando ela se juntara ao irmão na escola primária. Ele parecia encantado e abraçava-a com tanta força que mais parecia um urso a comprimir a sua presa. Eve estava extremamente infeliz e lutava por se libertar. O quadrado maior de tinta vibrante albergara em tempos o retrato de família que o pai de Eve encomendara quando a mãe adoecera. A família posava lado a lado no sofá, todos com as suas melhores roupas. A mãe encontrava-se numa das pontas, o pai na outra e Clooney e Eve estavam sentados ao meio, de mãos dadas. Embora todos os membros da família sorrissem, Eve parecia aborrecida. Tinha seis anos, Clooney oito e recordava-se que o fotógrafo havia ficado agastado por ela se recusar a sorrir quando proferira a palavra *cheese*.

– É impossível não sorrir quando se ouve a palavra *cheese* – argumentou ele.

- Isso não faz sentido – contrapusera Eve.
- E não sorris porquê?
- Não me apetece.
- Não posso tirar a fotografia se não sorrises.
- Claro que pode. Basta pressionar o botão.
- Será apenas um segundo. Prometo que não vai doer.
- Porque é que ele não faz o trabalho dele e se vai embora, mãe?

A mãe explicou ao fotógrafo que, por razões desconhecidas, a sua filha não gostava de tirar fotografias.

– Todos temos as nossas particularidades – disse ela, como que a justificar a impertinência de Eve.

– Escute, não estou a pedir à criança para assumir os controlos de um avião ou para saltar para o rio Liffey. Estou apenas a pedir-lhe que eleve os cantos da boca em direção aos olhos.

No tom de voz que sempre usava quando não estava para brincadeiras, o pai ordenou a Eve que sorrisse. O fotógrafo estabilizou a máquina e, quando pressionou o disparador, ela espetou a língua para fora. Ele não pareceu impressionado. Clooney, pelo contrário, achou imensa piada. O pai avisou-a para que se portasse bem, contudo, Eve não estava para aí virada e como a mãe começava a ficar cansada pediram ao fotógrafo que tirasse outra fotografia, quer Eve estivesse a sorrir ou não. Ele assim fez. Clooney, a mãe e o pai pareciam ter ganho a lotaria e Eve estava com cara de quem tinha acabado de perder o animal de estimação. Não ficaria muito diferente nas restantes fotografias e um observador distraído seria levado a pensar que Eve havia sido uma criança birrenta, embora fosse precisamente o contrário. Adorava a vida e o mundo em seu redor. A única altura em que deixava de sentir esse encantamento era quando lhe apontavam a lente de uma máquina fotográfica. Após a morte da mãe, isso tornou-se um acontecimento raro, pois, como viria a descobrir, o pai detestava tanto as máquinas fotográficas quanto ela.

Eve avançou de divisão em divisão e, ao fazê-lo, as memórias flutuaram na sua mente. Embora a cozinha tivesse sido renovada, ao colocar-se no centro, onde outrora ficava a enorme mesa de

refeições, recuou no tempo. Sentia o cheiro a queimado do molho de tomate e chili que o pai se esforçava por confeccionar. Conseguia vê-lo junto ao fogão a mexê-lo vigorosamente ao mesmo tempo que envergava um avental com folhos. Estava coberto de molho e atirava esparguete contra a parede, insistindo que quando ficasse agarrado estava pronto a comer.

– Crianças, temos descolagem!

Clooney, Eve e Lily encontravam-se sentados à mesa. Enquanto jantava, o pai desmontava um velho rádio que encontrara num ferro-velho. Na sua mente, conseguia ainda ouvir o rádio que ele magicamente consertara enquanto mastigava o molho queimado e o esparguete peganhento. O pai de Eve sempre dera o seu melhor e os filhos também não conheciam outra realidade, já que a mãe também não havia sido nenhuma cozinheira de mão cheia. Eve escutara uma vez a tia comentar com o tio Rory: «Deus as abençoe, aquelas crianças seriam capazes de comer cocó de cão frito se o pai o servisse com um sorriso.» E tinha razão. O mesmo podia ser dito em relação a Lily, que idolatrava o pai da melhor amiga. Era gentil para com ela e tornara-a parte da família sem a menor objeção ou dúvida. Ela tratava-o por Danny, não apenas por ser esse o seu nome, mas porque soava a Daddy³ e, desde que Eve se recordava, ela sempre copiara a amiga. Não havia uma recordação naquela casa da qual Lily não fizesse parte.

Enquanto avançava em direção às portas de vidro que davam acesso à varanda fechada, começou a cantarolar a canção de Paul Young e Zucchero, «Senza Una Donna». Com o intuito de fazer Lily rir e irritar a irmã, Clooney insistia em alterar as palavras, cantando «Scent of Madonna». A Eve adolescente era fácil de irritar.

– *Scent of Madonna, gives me pain and some sorrow, scent of Madonna, she'll still smell bad tomorrow!*

– Idiota.

– Evey, não chames idiota ao teu irmão!

– Então ele que pare de se portar como um idiota.

³ Papá em inglês. (*N. da T.*)

- Clooney, para de irritar a tua irmã.
- Estou só a cantar.
- Não, estás a tentar irritar-me! – contrapôs Eve.
- Também não é o fim do mundo, Evey.

O jardim das traseiras estava coberto de ervas, a antiga casa na árvore há muito que desaparecera, mas o velho carvalho permanecia. Eve encostou-se ao tronco e observou a casa onde havia crescido. Lembrava-se que a mãe tinha vivido no quarto durante meses antes de morrer. Eve estava autorizada a visitá-la uma vez por dia e, próximo do fim, apenas durante alguns minutos. Ia sempre acompanhada de Lily que permanecia em silêncio e afagava a mão da doente.

- Como te sentes, mãe?
- Estou bem – respondia sempre com um sorriso enorme.
- Não pareces bem.
- Não.
- Estás com uma cara esquisita.
- Não tenhas medo.
- Não estou com medo, estou triste.

Por mais que uma vez o pai tentara explicar a Eve que dizer tudo o que lhe vinha à cabeça não era forçosamente a melhor das ideias, em especial quando isso deixava a mãe doente a chorar. Eve nunca haveria de aprender a arte da subtilidade.

Ocupou o velho baloiço de madeira, o mesmo onde ela e Lily se haviam sentado quase todos os dias em que não chovia até terem doze anos e deixar de ser fixe andar de baloiço. Trinta anos volvidos, o baloiço devia ser já pouco seguro, mas o pai preservara-o ao longo dos anos. Estava fixado ao chão com alicerces de cimento e fazia tanto parte da paisagem quanto as velhas árvores do jardim. Começou a baloiçar um pouco, recordando-se dos guinchos que soltavam quando cada rapariga tentava derrotar a outra baloiçando cada vez mais alto até os seus pés tocarem no céu.

– Aquela que chegar mais alto pode pedir um desejo! – gritava Eve e Lily entrava em pânico de cada vez que isso acontecia, pois havia tantas coisas que desejava que era difícil pensar em apenas uma.

– Não consigo pensar, não consigo pensar! – exclamava Lily em desespero, como se fosse a primeira vez que a amiga sugeriria tal coisa.

À medida que se elevavam cada vez mais alto e já não podiam subir mais, Lily gritava a plenos pulmões:

– Gosto muito de ti, Eve Hayes!

– Gosto muito de ti, Lily Brennan! – bradava Eve e riam ambas ao mesmo tempo que davam descontroladamente às pernas.

Havia já passado muito tempo desde que Eve andara de baloiço, ou fizera algo com total despreocupação, e, por isso, limitou-se a ficar sentada no baloiço a olhar para o chão à sua frente, para o pedaço de erva onde ela e Lilly costumavam ficar deitadas de costas a proteger os olhos do sol enquanto olhavam para o céu e para a janela do quarto da mãe. Era exatamente isso que faziam no dia em que ela morreu; estavam ambas deitadas na erva a conversar sobre várias coisas. Havia uma grande agitação na casa, adultos que entravam e saíam, a tia de Eve chorava e o tio falava ao telefone. O pai de Eve chamou Clooney e depois algo aconteceu. As pessoas pararam de andar de um lado para o outro, ficou tudo calmo e alguém invisível no interior do quarto da sua mãe fechou as cortinas. Lily deu a mão a Eve e, embora tivessem apenas seis anos, perceberam ambas que a mãe de Eve havia falecido.

Eve protegeu os olhos do sol que brilhava forte apesar da chuva que caía e olhou para o quarto que lhe havia roubado tanta coisa. Fora a única divisão da casa que ela não visitara uma última vez. A dor estava ainda muito presente, pois tratava-se do mesmo quarto onde o pai morrera há apenas onze meses. Nessa altura encontrava-se no quarto e a mão que segurava era a do pai.

Danny morreria numa manhã de outubro após um curto período de doença. Tinha sessenta e dois anos e, até ao dia em que lhe diagnosticaram um cancro, sempre fora um homem alegre, saudável e atarefado. Trabalhava como banqueiro de investimento e continuava louco por barcos e por golfe, praticando ambos sempre que podia. Namorava Jean, uma mulher na casa dos cinquenta, e, embora o namoro fosse recente, notava-se que tinham muito em comum e que gostava bastante dela. Continuava a visitar Eve em

Nova Iorque pelo menos três vezes por ano. Na sua última visita levava Jean e pareciam apaixonados. Alguns anos antes haviam-lhe diagnosticado diabetes tipo 2 e inicialmente conseguira controlar a doença. Contudo, os seus níveis de açúcar andavam desgovernados e os seus dias começavam e terminavam com náuseas. Por insistência de Jean, acabara por consultar o seu médico assistente. Duas semanas mais tarde, no dia 16 de agosto, foi-lhe diagnosticado cancro pancreático em estado terminal. Foi Jean quem telefonou a Eve em Nova Iorque.

– Estou, Eve?

– Sim, quem fala?

– É a Jean... McCormack... *hum...* a... amiga do teu pai.

– Oh, Jean, olá, como está?

– Estou bem, obrigada por perguntares. – Estava com uma voz estranha e não era preciso ser nenhum génio para perceber que não se tratava de um telefonema social.

– O que se passa, Jean?

– É o teu pai, querida. – Parecia estar a conter as lágrimas.

– O que tem ele? – O ritmo cardíaco de Eve acelerou, a sua temperatura corporal aumentou e o sangue que minutos antes lhe corria pela cabeça descera até aos pés. Agarrou-se à cadeira. *Vai direta ao assunto, Jean, pelo amor de Deus.*

– Tem cancro.

– Oh, não.

– No pâncreas.

– Oh, não.

– É melhor vires para casa, querida.

– E o Clooney?

– Tens de falar com ele para que venha também para casa. – Não se conteve mais e começou a chorar e Eve confortou Jean, escutando-se de fora do corpo como se estivesse noutra sala a ouvir estranhos a conversar através de uma parede.

– Está tudo bem, Jean, vai ficar tudo bem. Vou ligar ao Clooney e regressamos ambos a casa e vamos tomar conta dele e ele ficará bem porque eu tenho dinheiro e posso pagar todos os tratamentos, por isso relaxe que eu trato de tudo. Está bem?

– Está bem, querida – respondeu ela. – Está bem. – Porém, Jean estava consciente de que não havia dinheiro que pudesse salvar o pai de Eve e que a única coisa que podia fazer por ele já estava a ser feita: rodeá-lo das pessoas que amava e que o amavam até que morresse, o que aconteceu dois meses depois. Após o diagnóstico, a saúde do pai de Eve decaiu incrivelmente depressa e esses dois meses haviam sido muitos especiais. Eve e Clooney não viviam naquela casa desde o verão de 1990. O pai recusara-se a ser internado num hospital e por isso parecera-lhes sensato que vivessem todos juntos o curto tempo que lhe restava. O dinheiro de Eve não podia salvá-lo, mas podia pagar o tipo de tratamento contínuo de que ele necessitava.

Clooney regressou a casa dois dias após a irmã. Apesar do bronzeado, parecia pálido e, quando se abraçaram no aeroporto, distinguiam-se-lhe algumas rugas em redor dos olhos. Embebedou-se nessa noite e chorou como um bebé. Eve elaborou listas com as tarefas que seria necessário executar e ocupou-se a apetrechar o quarto onde a mãe falecera com todas as comodidades possíveis para que o pai morresse de forma mais confortável. Ao fim de uma semana, o quarto estava equipado como o mais moderno dos hospitais.

Danny passava os dias bem-disposto. Se estivesse zangado ou revoltado fazia de conta não estar, mas, de vez em quando, sempre que acreditava estar sozinho em casa, gritava e vociferava e por vezes chorava com tanta intensidade que Eve se via obrigada a segurar o irmão para que este não entrasse no quarto.

– Ele precisa disto – diria ela.

– Ele precisa de nós – argumentaria ele.

– Quando foi a última vez que ficaste grato por ter audiência enquanto choravas? – indagou Eve e Clooney anuiu e afastou-se.

Quando não sentia dores, o pai deliciava-se com os momentos passados na companhia dos filhos. As noites eram escuras, melancólicas e a chuva batia contra a sua janela, mas ele sempre adorara o barulho da chuva. Jean esteve presente do princípio ao fim, mas nunca de maneira a tornar-se invasiva. O seu comportamento foi sempre o de uma senhora, sempre adequado. Apesar disso, Eve e

Clooney não deixavam de achar estranho o facto de ela rezar frequentemente em silêncio, movendo os dedos ao longo das contas do rosário, sentada à cabeceira de um ateu. Eve comentou o caso com ela um dia enquanto tomavam café.

– Sabe que o meu pai é agnóstico.

– Sei, sim, querida.

– E ainda assim reza.

– Eu sei. Um pouco egoísta da minha parte, não é?

– Não estou a entender.

– Bem, a verdade é que rezo por mim.

– Ah!

– E tu? És agnóstica?

– Até a Virgem Maria, um Buda alegre, Alá ou um brâmane vir sentar-se aos pés da minha cama e me provar o contrário – respondeu Eve.

– Vai ser difícil deixá-lo partir – declarou Jean.

– Sim – Eve concordou, porém, não conseguiu desenvolver o tema pois o seu nariz ardia e sentia comichão nas glândulas lacrimais.

– Rezo por ele porque me faz sentir melhor e rezo por mim para que, quando ele partir, eu continue a ter força para prosseguir com a minha vida.

– É o que terá de fazer – disse Eve com a confiança que advinha da experiência, embora esse pensamento lhe enchesse o coração de dor.

– E tu? – quis saber Jean.

– As pessoas vivem e depois morrem, Jean – retorquiu Eve num tom casual e deixou Jean sozinha a terminar o seu café.

Quando estavam sozinhos, Jean e o pai de Eve namoravam e riam e, apesar do cateter e do saco da colostomia, ele não deixava de ser um falinhas mansas. Jean parecia iluminar o seu quarto escurecido e Danny não era o único membro da família Hayes que lhe estava agradecido.

Eve e Clooney passaram dias e dias juntos naquele quarto. Ele adorava palavras cruzadas e assistir a reposições do programa *Quem Quer Ser Milionário*. Clooney respondia às perguntas em voz

alta e com autoridade, como se soubesse do que estava a falar. Mais vezes do que gostava, dava a resposta errada, fazendo os outros rir. Numa ocasião, Chris Tennant colocou a pergunta: «Que lendário germanista vendeu a alma ao diabo?» Em seguida, enunciou quatro nomes.

Eve olhou para o pai e encolheu os ombros. Ele fez o mesmo.

– Tannhäuser – declarou Clooney todo confiante.

Foram para os 50:50. Fausto e Tannhäuser foram os dois nomes que permaneceram no ecrã. Clooney olhou para o pai e para a irmã e sorriu com um ar presunçoso. O concorrente escolheu Fausto.

– Ups, já foste.

Chris Tennant ficou em silêncio durante alguns segundos, que pareceram uma eternidade, antes de sorrir e anunciar que o concorrente tinha ganho dezasseis mil libras.

Todos bateram palmas, com exceção de Clooney que fez de conta estar aborrecido com as gargalhadas do pai.

– Fausto. Raios, Fausto, claro.

– «Claro» o tanas, não fazias a mínima ideia! – exclamou Eve.

– Tens razão – concordou –, mas, se estivéssemos a jogar póquer, eu teria ganho a mão.

– Palerma! – atirou Eve.

– Sim, bem, mas ao menos não sou o *Big Foot*! – replicou Clooney com uma gargalhada. Na primária, e por ser alta, Eve havia sido batizada de *Big Foot* por um rapaz chamado Eoin Shaw. O nome pegara de tal forma que só se conseguiria ver livre dele ao passar para a escola secundária.

– Danny! – gritou Eve num tom que mostrava a sua indignação perante a ousadia de Clooney ao mencionar o nome que ninguém se atrevia a pronunciar sob o teto dos Hayes.

O pai de Eve soltou uma gargalhada e repetiu «Big Foot» por entre dentes. Coçou o rosto cansado e recordou a canção que os miúdos da turma de Eve entoavam, todos com exceção de Lily, claro.

– «*Big Foot Hayes perfuma-se com sprays. Nós tomamos banho, ela esfrega-se com ranho. Big Foot Hayes...*» Como terminava?

– Danny! – repetiu Eve no mesmo tom de voz, embora o seu sorriso sugerisse que não estava tão ofendida como à primeira vista dera a entender.

Clooney matutou durante alguns segundos antes de levantar a mão:

– *Big Foot Hayes tem três metros e oitenta e seis.*

O pai de Eve deu uma risadinha.

– Não havia grandes poetas nesse grupo.

Nessa noite adormeceria com um sorriso nos lábios, mas seria uma das últimas em que o sono não tinha de ser induzido por medicamentos.

Às vezes passavam as tardes a jogar Monopólio. Eram raras as ocasiões em que Eve não ganhava. Clooney insinuava sempre que isso se devia à sua personalidade fria, desligada e industrialista que lhe valia o epíteto de Ming, *a Implacável*.

– Oh, vá lá, Evey, não fiques com Shrewsbury Road! Ficas sempre com essa rua! – reclamou o pai quando se tornou evidente que ela ia ganhar uma vez mais.

– E dá-te por satisfeito por ela já não valer o que valia, Danny.

– Dá-lhe a rua, *Ming*.

– Não posso, Clooney.

– Eu não me importo nada de te dar o Aeroporto de Shannon, pai – ofereceu ele, mas o pai limitou-se a rir.

– Bem sei, filho.

Quando ainda sentia disposição para conversar, falavam de tudo e de nada, porém nunca mencionavam o facto de ele estar a morrer. Jean tratou do testamento e foi ela quem falou com ele sobre os planos para o funeral. Munida de um bloco de notas e de uma caneta, tomou nota dos seus desejos à medida que os ia enunciando. A família Hayes era agnóstica e a morte da mãe de Eve não alterara esse panorama e muito menos o faria a morte do pai. Não estava ligado a nenhuma religião. Não acreditava na vida após a morte, pelo menos não na versão vendida pelas várias organizações. Não ansiava por ocupar uma nuvem no céu e nem sequer temia arder no inferno por toda a eternidade. Não estava à espera de ver a mãe de Eve – seria simpático se isso acontecesse,

contudo não receava um fim total. Mesmo quando o seu estado se começou a degradar e as dores se tornaram mais difíceis de suportar, continuaram a fazer de conta que Clooney e Eve se encontravam ali numa visita prolongada e que tudo estava bem.

Quando o fim começou a vislumbrar-se, Clooney não aguentou e Eve foi obrigada a acabar com o fingimento. Ao vê-lo querer exalar o seu último suspiro, pegou-lhe na mão e sussurrou-lhe ao ouvido, «Podes ir, Danny», e ele apertou-lhe suavemente a mão antes de fechar os olhos e partir.

Jean encontrava-se junto à porta com a cabeça baixa, a torcer as contas gastas do seu rosário. Clooney estava de pé à janela, virado para a rua, e assim ficou durante bastante tempo. Eve limitou-se a segurar a mão do pai e, com a outra, tomou nota dos assuntos que teria de tratar.

Entre os seus últimos desejos constava um funeral simples e em casa, com algumas palavras proferidas por Clooney e por Eve, embora entendesse se a filha não quisesse falar, pois sabia muito bem como ela era. Também queria que o seu velho amigo Lenny tocasse guitarra e cantasse algumas canções do Bob Dylan e depois de todos os discursos proferidos, das canções cantadas e do chá tomado, pedira que levassem as suas cinzas para o mar no seu querido veleiro e as deitassem cerimoniosamente à água.

– É isso é legal? – perguntara Clooney a Jean.

– Quero lá saber – respondera Eve.

E foi exatamente isso que fizeram. Eve preparou um piquenique, no qual incluiu uma garrafa de vinho caro. Jean, Clooney e Eve ficaram no convés, cada um mergulhado nos seus próprios pensamentos e memórias. Certificaram-se de que sabiam para que lado soprava o vento, pois ele havia insistido para que não o vestissem ou comessem.

– A direção do vento é fundamental, Jean – alertara ele.

– Certo.

– É fundamental – repetiu antes de lambe o dedo e o erguer no ar.

– Entendido.

– E não deitem a urna para o mar.

– *Okay.*

– Isso seria poluir.

– Entendi.

– Mas também não guardem a urna.

– Bem, e o que desejas que faça com ela?

– Recicla.

– Combinado.

– Quem me dera ter tido mais tempo para te amar, Jean – declarou ele e sorriu-lhe. – Lamento muito.

– Eu também – disse Jean, permitindo que uma lágrima lhe corresse silenciosamente pela face ao mesmo tempo que ia completando a lista dos seus desejos.

Assim que a direção do vento foi avaliada, Eve entregou a urna a Clooney e os três fizeram silêncio por um minuto antes de as cinzas serem atiradas borda fora. Eve serviu três copos de vinho e brindaram a Danny. Jean chorou durante todo o caminho de regresso, discretamente e para um lenço grande para não fazer muito espalhafato. Clooney ficou em silêncio e mal tocou no vinho. Quando chegaram ao porto, Eve já tinha bebido quase todo o conteúdo da garrafa.

Nos onze meses que se sucederam à morte do pai muito havia mudado. Chegara a hora de deixar a sua casa e a sua infância para trás. Ansiava por um novo capítulo na sua vida, um que fosse mais calmo e pacífico. Para Eve chegara o momento de parar e apreciar a vida.

Fechou a brilhante porta azul-escura da entrada e, ao descer a curta avenida ladeada de árvores, voltou-se para contemplar pela última vez a grande casa branca coberta de trepadeiras, o gigantesco carvalho e o banco à sua sombra no centro do jardim da frente. *Adeus, casa – adeus, infância – adeus, mãe – adeus, Danny. Foram formidáveis, foi uma sorte. Sinto a vossa falta. Amo-vos. Se não voltar a ver-vos, obrigada por tudo.* Não perdeu mais tempo e não verteu uma única lágrima. Eve não era mulher de fazer alaridos e a mãe e Jean haviam-lhe ensinado que uma senhora sabe sempre quando chegou a hora de se afastar. Fez um aceno de cabeça aos tipos na carrinha enquanto estes terminavam de almoçar. Atravessou

a estrada e entrou no seu automóvel. Meteu a chave na ignição e deixou para trás a rua onde crescera, acreditando que nunca mais regressaria.

Eve havia telefonado a Clooney nessa manhã. O irmão encontrava-se algures num buraco no Afeganistão a alimentar órfãos e pouco interesse demonstrara pelos pormenores da venda da casa.

– Preciso do número da tua conta.

– Para quê?

– Para depositar o dinheiro da venda da casa.

– Dá a minha parte a uma instituição de apoio a doentes com cancro.

– Por favor, não compliques as coisas.

– Estou a facilitar.

– Não. Estás a tornar tudo mais difícil. Não vou dar o teu dinheiro.

– E se eu pedir por favor?

– Pronto, eu abro uma conta em teu nome.

– Ah, isso significa que vou ter de lidar com o imposto?

– Não damos o nosso dinheiro porque não queremos lidar com o imposto.

– *Tu* não. Eu sim. – Depois disso mudou de assunto. – Pareces cansada.

– Sim, claro que estou cansada. Sou eu que tenho de fazer tudo enquanto tu passeias pelo Afeganistão.

– As pessoas não passeiam em zonas de guerra.

– Pois, talvez tenhas razão – admitiu ela.

– Deves estar satisfeita por teres regressado a casa.

– Sim – concordou Eve num tom um pouco indiferente –, é bom.

– Talvez te vá visitar em breve – disse Clooney e ela riu.

– Vou esperar sentada – retorquiu Eve. – É preciso estar alguém a morrer para te apanhar em casa. – Ele não argumentou. Ao invés, terminou a conversa dizendo-lhe que fizesse o que desejasse com o dinheiro.

– Não preciso dele, Eve, e não o quero.